

OS DESAFIOS DO CIBERJORNALISMO NO BRASIL

Entrevista com Gerson Martins

Guilherme Carvalho

guilhermegdecarvalho@gmail.com

Doutor pela Unesp e professor do
Centro Universitário Internacional (Uninter)

DOI: 10.21882/ruc.v8i14.826

Recebido em: 19/06/2020

Aceito em: 19/06/2020

133

O pesquisador e professor de jornalismo da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul Gerson Luiz Martins é uma das referências no estudo das relações entre jornalismo e as tecnologias digitais. Pós-doutor em Ciberjornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha, seu trabalho tem se voltado para a ainda difícil missão de compreender as mudanças neste cenário e as implicações para a atividade profissional e acadêmica, tendo em vista o distanciamento histórico entre os dois campos. É o que pode se expressar na entrevista que segue. Como se percebe, as pesquisas e a atuação no ciberjornalismo têm sido marcadas por avanços no Brasil, porém, ainda limitados por fatores culturais e econômicos, principalmente. Estes e outros temas são abordados na entrevista a seguir.

Pergunta: O reconhecimento do valor da pesquisa em jornalismo, algo que tem sido fomentado no Brasil há pouco menos de 20 anos, é um dos grandes desafios da área atualmente. Neste cenário, as pesquisas voltadas para o debate sobre o digital ganharam, de fato, um espaço significativo nos grupos de pesquisa e hoje são objeto consolidado de investigações, conforme se pode verificar em grupos de trabalhos

de eventos acadêmicos, na realização de eventos específicos sobre o tema (dos quais você é um grande incentivador) e pelo grande volume de publicações a respeito. Quais fatores têm sido determinantes, em sua opinião, para a profusão de pesquisas sobre esta temática e o que a torna tão relevante?

Resposta: Creio que a mudança significativa do suporte midiático, das relações pessoais com tecnologia e a facilidade de uso provocaram essa tendência nos focos de pesquisa nos últimos anos. Embora, por outro lado, como pesquisador em ciberjornalismo, tenhamos a perspectiva de que há um acesso universal às tecnologias, percebe-se, no Brasil principalmente, e isso foi detectado de forma anacrônica nestes tempos de pandemia, que a população ainda não tem acesso às tecnologias disponíveis. Isso se torna paradigmático porque as estatísticas mostram que o Brasil é um dos países em que o consumo de notícias é preponderantemente por meio de dispositivos móveis, supera muitos países desenvolvidos, mas não há acesso universal. Além disso, nossas redes telemáticas são precárias e não atingem todo o país. De qualquer forma, no âmbito das pesquisas, fatores

como a nova estrutura midiática, as relações pessoais mediadas pelos dispositivos móveis e a facilidade de uso, o Brasil possui mais de um *smartphone* por habitante, são decisivos para a implementação dos objetos de estudo.

Podemos dizer que temos já no Brasil, a formação de uma rede de pesquisas relacionadas ao digital já com relevância. Temos verdadeiros centros de produção na área como é o caso do Ciberjor, o qual o senhor lidera na UFMS, além do GJol da UFBA, e demais grupos em várias outras instituições brasileiras. Pergunto isto baseado nas relações que se estabelecem entre as produções brasileiras e com o que se desenvolve em outros países. Mas parece que ainda vivemos uma relação desigual nesse sentido, na qual as pesquisas internacionais e os pesquisadores parecem mais valorizados do que os pesquisadores brasileiros, algo que se torna ainda mais desigual se olharmos para o inverso, ou seja, pensando em quantos pesquisadores brasileiros são citados em outros países. O senhor entende que vivemos essa desigualdade ainda e se, sim, como reduzi-la?

Sem dúvida temos essa desigualdade. Nosso grande problema na difusão das pesquisas, embora muitas publicações científicas têm trabalhado para equacionar isso e o fazem de forma eficiente, é o idioma utilizado por nossas publicações. O universo do idioma inglês consegue maior índice de integração, de difusão do conhecimento científico gerado. Hoje, o Ciberjor, o GJOL, entre outros, possui uma grande e forte rede de integração com pesquisadores internacionais, prova disso é o grande número de pesquisadores brasileiros nos congressos de ciberjornalismo em Bilbao, Espanha; no Porto e na

Covilhã, Portugal e em Austin, EUA. Nos dois primeiros, é fácil perceber que, em muitas edições desses congressos, há uma frequência maior de brasileiros do que de pesquisadores locais. O Ciberjor, por exemplo, mantém parcerias de trabalho com a Universidade de País Basco (Espanha), Universidade da Beira Interior (Portugal), Universidade Autônoma de Barcelona (Espanha), Universidade do Porto (Portugal) e Universidade do Texas (Estados Unidos). Embora todas essas parcerias, ainda não publicamos em inglês e isso reduz significativamente o acesso aos pesquisadores anglo-saxônicos e, portanto, embora tenhamos trabalhos de alta qualidade, não somos citados internacionalmente. De outro lado, que também dificulta essa interação, é o fato de não conseguirmos publicar em revistas científicas internacionais. Há poucas iniciativas em razão de livros publicados, capítulos de livros, como publicamos recentemente um livro organizado pelos pesquisadores da Universidade de País Basco, pela Editora McGrawHill, todo em inglês. Enfim, para reduzir essa disparidade temos que publicar versões em inglês de nossas revistas. Isso tem um custo financeiro e editorial. Diante dos recentes cortes nas verbas de pesquisa, se torna cada vez mais difícil.

O senhor é um dos que se posiciona pelo uso do termo Ciberjornalismo. Este é um tema não consensual na área, não é verdade? Alguns optam pelo termo jornalismo digital, webjornalismo, entre outros termos. Cada um apresenta argumentos relevantes que permitem até a convivência entre os conceitos, separando, em cada aspecto, o uso adequado. De todo modo, podemos falar de ciberjornalismo no momento em que temos uma quase completa integração do jornalismo a este ambiente? O senhor não acredita que chegará

o momento em que o termo perderá sentido, tendo em vista o processo de convergência?

Hoje temos quase uma unanimidade no uso do termo Ciberjornalismo. Há alguns anos, professores e pesquisadores da disciplina universitária que trata de jornalismo na internet se reuniram para debater o uso dessa terminologia, o que ficaria mais adequado. Pesquisadores como Suzana Barbosa, Luciana Mielniczuk, Carla Schwingel, Elias Machado, Raquel Longhi, Rita Paulino, Elaíde Martins, Jan Aline, entre vários outros chegaram à conclusão de que o termo Ciberjornalismo é o que mais sintetiza e ao mesmo tempo abrange no que diz respeito ao jornalismo na internet. Esses conceitos – Ciberjornalismo, Jornalismo Digital, Jornalismo Online, Webjornalismo, entre outros – foram trabalhados em publicação, hoje consideradas antigas, como o livro Modelos de Jornalismo Digital, organizado pelos pesquisadores do GJOL e também no livro Ciberjornalismo da pesquisadora Carla Schwingel, e por mim mesmo em vários artigos. É o que acontece? Por que as universidades, os cursos de Jornalismo não adotam esta nomenclatura? Percebeu-se que, no âmbito dos cursos, há, de forma paradoxal, uma forte tradição nas nomenclaturas. Mesmo professores de tecnologia, de jornalismo internet são conservadores no uso das terminologias e, portanto, temos disciplinas com nomes como Jornalismo Online, Jornalismo Digital, entre outros. As últimas publicações que fizemos, além de vários artigos apresentados em congressos, espaço privilegiado para o debate acadêmico, há um consenso no uso do termo ciberjornalismo e ainda uma cooptação para o uso desse termo. De outro lado, importante que você tenha destacado, tudo o que se

faz de jornalismo hoje é “ciber”, tudo está tecnologizado, está no ciberespaço. Num dos congressos promovidos pelo Ciberjor, o jornalista Leão Serva, hoje diretor de jornalismo da TV Cultura de São Paulo, causou, a mim particularmente, um constrangimento ao afirmar, na abertura de sua conferência, que não existe “ciberjornalismo”. Depois de pontuar suas teses dessa afirmação, Serva destacou que o jornalismo atual é ciber e que, portanto, não há mais razão para utilizar essa terminologia. Falar, fazer, produzir jornalismo é falar, fazer, produzir ciberjornalismo. Nesse sentido o termo ciberjornalismo perderá sua razão de ser, pois todo jornalismo é CIBER.

Um debate também recorrente no ambiente acadêmico a respeito do uso das tecnologias nos campos acadêmicos, profissional e científico é a dualidade a respeito da integração ou não destas ferramentas aos processos de produção. Temos os que defendem a integração total ou em determinados graus e os que tendem a olhar com receio as condições atuais, tendo em vista os interesses mercadológicos, principalmente. Como o senhor vê este debate atualmente?

Pessoalmente compreendo, considero pela integração. Sou um entusiasta de tecnologia, costumo experimentar, na medida do possível, tudo que é de software, principalmente, e hardware que possa facilitar, ampliar e melhorar a qualidade do jornalismo produzido na internet, ou melhor, com base na resposta anterior, do jornalismo como um todo. Considero que, ainda, é muito tímido essa integração, é como se os jornalistas profissionais, pesquisadores – que deveriam estar na vanguarda – e professores de jornalismo tivessem medo do desconhecido, da experi-

mentação. Sabemos que os centros de pesquisa e desenvolvimento, quando se trata de tecnologia, está no âmbito das empresas privadas, assim são necessárias e importantes as parcerias para implementar o desenvolvimento e a qualificação, no nosso caso, do jornalismo. Neste aspecto, considero importantes as iniciativas do Google para implementar isso. Por ocasião de um congresso de ciberjornalismo promovido pelo Centro Knight de Jornalismo para as Américas da Universidade do Texas (EUA), tive conhecimento – hoje todos sabem disso – das inúmeras possibilidades que as tecnologias desenvolvidas pelo Google para auxiliar a melhoria, a qualificação do jornalismo.

O ensino de jornalismo tem enfrentado uma dura realidade. São vários aspectos que pesam hoje para quem atua nesta área. Mas um destes aspectos que tem acompanhado constantemente o campo acadêmico diz respeito ao que o senhor chama de “lapso de tempo” na relação entre universidades e mercado. Vivemos a pressão social e econômica pela formação de profissionais com condições de dar conta de uma realidade ciberjornalística, ao mesmo tempo, a preocupação com a qualidade de produção dos egressos cuja atuação é também vitrine para os cursos. Isto implica na capacidade dos cursos em acompanhar as dinâmicas sociais e do próprio mercado, o que exige também a oferta de recursos tecnológicos, mas, mais do que isso, a adequação a esta realidade, correndo-se o risco de ceder ao determinismo tecnológico. É possível construir estas relações com o ambiente externo ao acadêmico sem que tenhamos que ceder nesse sentido?

Sempre tive uma preocupação com esta questão. Projetos como “Escola da Prática” iniciado na UFRN e depois finalizado na UFMS, ou ainda o “Primeira Notícia” em desenvolvimento na UFMS se pautam pela busca da compreensão e do uso das tecnologias pelos alunos envolvidos. Nestes tempos de pandemia, em que o uso de tecnologias se impõe às pessoas, em todas as áreas, recentemente li um comentário nas redes sociais, não me recordo de quem, sobre as dificuldades dos alunos, em geral, que passam pelo ensino virtual no domínio das tecnologias. De acordo com essa “fala”, os adolescentes e jovens sabem muito bem “brincar” com *Snapchat*, *Instagram*, *Whatsapp*, entre outros, tanto o domínio do software quanto as capacidades de hardware, neste caso os *smartphones*, mas não estão aptos a trabalhar com softwares educacionais ou que demandem pesquisa e manipulação de aprendizagem. Da mesma forma que, nestes tempos, percebemos que embora o Brasil tenha destaque no uso de tecnologias móveis é ainda muito pequeno o número de usuários com acesso universal, ou seja, embora os jovens e adolescente dominem esses softwares, eles têm grandes dificuldades em outras plataformas e softwares. Além disso, é preciso ponderar, que nossas escolas, cursos, faculdades, universidades têm sérios problemas de atualização laboratorial na área de tecnologia. Trabalhamos projetos avançados, mas utilizamos computadores e diversos hardwares com mais de 10 anos. Isso me tecnologia significa longos anos de atraso. Por fim, cabe destacar que a tecnologização dos cursos, neste caso, de Jornalismo não implica, na minha opinião, em determinismo tecnológico. Nos projetos que desenvolvemos, o uso de tecnologias está intrínseco ao pensar e avaliar criticamente seus usos.

É possível afirmarmos que os jornalistas e o jornalismo de modo geral está mais adaptado à realidade dos cibermeios, se compararmos com alguns anos atrás, considerando os diferentes contextos? Podemos dizer que os jornalistas de hoje, os novos e antigos, estão mais sensíveis à necessidade de adaptação das condições atuais do que nos tempos da internet 2 ou 3.0?

Está é uma boa pergunta. Pessoalmente, acredito que os jornalistas e o jornalismo de modo geral não estão adaptados. Considero que, conforme artigo que escrevi no *Medium* – O ciberjornalismo e seus profissionais: surpreso ou despreparado (<https://medium.com/@gersonluizmellomartins/o-ciberjornalismo-e-seus-profissionais-surpreso-ou-despreparado-ed7fb2da492>) há um hiato entre o mundo tecnológico e a produção jornalística, e os jornalistas. Gostaria de destacar ainda que se confunde, de forma muito frequente, o domínio das mídias sociais com o uso de tecnologias no jornalismo. Jornalistas podem dominar o uso das mídias sociais, mas estão longe de dominar as tecnologias atuais do jornalismo. Convido os leitores a avaliar o artigo citado acima.

Emendando a esta última pergunta, em que medida esta dificuldade pode ser parte das respostas às crises atuais do modelo de negócios do jornalismo ou para explicar os desafios atuais do jornalismo?

Considero que estão intimamente relacionadas. Enquanto as empresas jornalísticas não absorverem as tecnologias do jornalismo, esquecer um pouco as redes sociais – as quais têm sido fortemente incentivadas,

basicamente em busca de audiência e monetização – o jornalismo perecerá. É preciso implementar a imersão jornalística, por meio das tecnologias disponíveis e aquelas em desenvolvimento. Há inúmeros projetos, nas principais empresas jornalísticas no mundo, mas ainda muito incipientes. E como demandam custo financeiro e um grande número de profissionais, seus resultados acontecem a longo prazo. É mais fácil e barato para as empresas jornalísticas investirem nas redes/mídias sociais, mesmo com o risco, premente, de perda dessa mesma audiência e, conseqüentemente, das receitas diretas e publicitárias. O jornalismo precisa aproveitar a guinada, por causa da pandemia, em favor do jornalismo de qualidade e a queda, neste momento, da credibilidade das redes sociais, foco principal das notícias falsas “*fake news*”.

Viver da história no século XXI é a vida na mídia, isso não invalida que a gente viva na história.